

1765431
Ludmila Maria Motta Pereira
Marcos Vinícios Cardoso

Na área estudada afloram basicamente dois tipos litológicos, granitóides e metassedimentos. Os primeiros perfazem maior extensão areal e foram separados em cinco domínios.

- Granito-Gnaiss;
- Granito-Gnaiss com Silimanita;
- Granito Pegmatóide Homófono com Silimanita e Granada;
- Granito Pegmatóide Quartzoso;
- Granito Homófono Moscovítico.

Os dois primeiros são de idade e origem incerta, com pegmatitos orientados segundo o bandamento, os demais correspondem ao Ciclo Brasileiro, e são de tendência Tardi-Tectônica, cortados por mais de uma fase pegmatítica.

Os metassedimentos são constituídos por feldspato-mica-quartzo xistos, com delgadas intercalações de rochas calcossilicatadas e silimanita-quartzo xistos.

Três tipos de metamorfismo foram identificados nestas rochas, metamorfismo tipo Barrowiano do fácies anfíbolito, metamorfismo de contato do fácies hornblenda-hornfelsito, seguido por retrorretrometamorfismo.

Os xistos apresentam dobramento do tipo isoclinal, sobreposto por uma segunda fase deformativa, representada por dobras isópacas abertas, responsável pela enulção da xistosidade principal.

190

CLASSIFICAÇÃO DAS ROCHAS VULCÂNICAS UATUMÁ

João Orestes Schneider Santos - CPRM

O estudo preliminar dos elementos maiores em 211 rochas da fase extrusiva do Supergrupo Uatumá, permitiu caracterizar a existência de rochas vulcânicas bastante diversificadas composicionalmente, correspondendo a doze grupos principais (andesitos, latitos, quartzo-latitos, dacitos, riolitos, ortoclásio-traquitos, quartzo-traquitos, ortoclásio-traquitos, quartzo-ortoclásio-traquitos e "rochas quartzofíticas"), as quais anteriormente eram classificadas petrograficamente apenas como andesitos, dacitos, riolitos e riolacitos. É evidenciada a necessidade da utilização de informações químicas para uma melhor classificação das rochas vulcânicas, sendo sugeridos para este fim dois diagramas confrontando os teores de K_2O com as relações CaO/K_2O . A série vulcânica é caracterizada como tipicamente calcialcalina em diagramas AFM e Al_2O_3 versus CaO , representando certamente uma das principais ocorrências de magmatismo calcialcalino em continentes estáveis conhecidos no mundo. O Magmatismo Uatumá, através de uma série de evidências, é dissociado da chamada Orogênese Transamazônica, sendo o seu principal (≈ 1.900 m.a.) utilizado como a base do Proterozóico Médio na Plataforma Amazônica.

AS PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS DE ROCHAS VULCÂNICAS ÁCIDAS DA FORMAÇÃO SERRA GERAL NO PLANALTO DO PARANÁ

Pedro Luiz Pretz Sartori — UFSM - Departamento de Geociências

As rochas ácidas da Formação Serra Geral que ocorrem no Estado do Paraná abrangem áreas restritas e localizam-se próximas ou no topo do Planalto Meridional.

As rochas de composição mais ácidas situam-se na região centro-oeste, junto ao Estado de Santa Catarina e foram classificadas como riolitos granofíricos.

Dacitos hipocristalinos ocorrem a leste de Palmas e ao sul de Bituruna.

Derrames de lavas de dacitos porfiríticos são os mais abundantes e ocorrem, principalmente, entre Guarapuava e Bituruna, no topo da Serra do Cadeado e nos arredores da estação hidromineral de Santa Clara.

Atividades magmáticas no Manto e Crosta foram responsáveis pela diversidade de rochas vulcânicas que ocorrem na Bacia do Paraná.

067

SULFATOS SECUNDÁRIOS EM ITAQUAQUECETUBA (SP): COQUIMBITA, JAROSITA, ROZENITA E GIPSITA (COQUIMBITA E ROZENITA: PRIMEIRA OCORRÊNCIA NO BRASIL)

Daniel Atencio — Bolsista FAPESP

Raphael Hypolito — IG-USP

Trabalho financiado pela FAPESP

Em ocorrências da Formação Itaquaquetuba (Aluviões Antigos dos Rios Tietê e Pinheiros) havia sido registrada presença de aluminocopiapita, alunogênio, halo-triquita e melanterita, resultantes de processo atual de alteração, e também gipsita, possivelmente de gênese diversa. Pesquisas em andamento permitiram identificar os minerais coquimbite, jarosita, rozenita e gipsita, todos de formação atual. Coquimbite, pela primeira vez registrada no Brasil, ocorre em massas de coloração branco-acastanhada, estando associada a um mineral do grupo da copiapita. Jarosita, em pequena quantidade, acompanha a aluminocopiapita, concentrando-se em crostas delgadas de coloração alaranjada, onde o principal mineral associado é gipsita. Jarosita e gipsita são observadas ainda em estalactites que se formam ao redor de vegetais vivos. Registraram-se também crostas brancas constituídas unicamente por gipsita. Rozenita, somente identificada por difratometria de raios X, encontra-se associada a massas com textura sacaroidal de melanterita de coloração esverdeada. Rozenita é, também, registrada pela primeira vez no Brasil.

8.C.

DIQUE BÁSICO DO ARCO DE PONTA GROSSA: MINERALOGIA E PETROLOGIA (RESULTADOS PRELIMINARES)

BELLIENTI, G. — Instituto di Mineralogia e Petrologia - Università di Padova - Itália

COMIN-CHIARAMONTI, P. — Instituto di Mineralogia e Petrografia - Università di Trieste - Itália

MELFI, A.J. — Instituto Astronômico e Geofísico - USP

PICCIRILLO, E.M. — Instituto di Mineralogia e Petrografia - Università di Trieste - Itália

PINESE, J.P.P. — Instituto Astronômico e Geofísico - USP; Bolsista do CNPq

Patrocinado por CNPq, FAPESP e FINEP

Os diques do Arco de Ponta Grossa são, por suas implicações geotectônicas e magmatológicas e pelas relações que apresentam com os derrames vulcânicos da Bacia do Paraná, de fundamental interesse ao estudo da deriva dos continentes Sul-Americano e Africano.

Os estudos iniciais foram concentrados nas regiões de Itararé, Itapeva, Capão Bonito e Apiaí. Os diques analisados possuem orientações predominantes entre N10

260
congresso Brasileiro de geologia, 33, 1984,

281
Rio de Janeiro. Resumos. p. 253.